

Caracterização do Ensino, da Avaliação e Aprendizagens numa Universidade Portuguesa: Um Estudo na Área Científica das Ciências da Saúde¹

António Borralho

Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Univ. de Évora – Portugal
(amab@uevora.pt)

Raquel Dias

Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Univ. de Évora – Portugal
(raqueldias@uevora.pt)

Marília Cid

Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Univ. de Évora – Portugal
(mcid@uevora.pt)

Isabel Fialho

Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Univ. de Évora – Portugal
(ifialho@uevora.pt)

Resumo

A investigação tem evidenciado resultados que são de referência incontornável tais como: a) as práticas sistemáticas de avaliação formativa melhoram muito as aprendizagens de todos os alunos; b) os alunos que revelam mais dificuldades são os que mais beneficiam de tais práticas e c) os alunos que são submetidos regularmente a avaliações formativas obtêm melhores resultados em exames externos do que os alunos que são submetidos a avaliações sumativas

¹ Esta investigação realizou-se no âmbito do projeto PTDC/CPE-CED/114318/2009 financiado por Fundos Nacionais através da FCT–Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

(Black & William, 1998). Estes resultados são relevantes se tivermos em conta os elevados índices de reprovação e abandono dos alunos do ensino superior em Portugal. A comunicação proposta pretende apresentar uma caracterização das acções e interacções que corporizam as actividades de ensino, aprendizagem e avaliação numa universidade portuguesa a partir do estudo de dois cursos da área científica das Ciências da Saúde.

Palavras-chave: Ensino; Avaliação; Aprendizagem; Ensino Superior.

Introdução

A pesquisa realizada nos últimos anos sobre este tema destacou o papel que a avaliação da aprendizagem pode desempenhar na melhoria da aprendizagem (Figari e Achouche, 2001; Stiggins, 2004). Em particular, o trabalho de Black e Wiliam (1998), publicado num artigo de revisão da literatura sobre as práticas de avaliação formativa, no qual enfatizou três resultados de âmbito geral e grande significado e que se apresentou no resumo. A publicação deste artigo levou a retomar a investigação empírica e a construção teórica fundamentada em visões epistemológicas renovadas, assentes em novos desenvolvimentos da aprendizagem, das teorias curriculares e numa variedade de contribuições provenientes da sociologia, das ciências da cognição, da antropologia e teorias da comunicação (Fernandes, 2008). A literatura permite identificar áreas de investigação e desenvolvimento a serem consideradas: a) a consolidação de uma teoria da avaliação formativa para apoiar as práticas de sala de aula, b) a descrição e análise das práticas de avaliação e de ensino que são implementadas em salas de aula reais, relacionando-as com a melhoria das aprendizagens dos alunos, c) articulação da aprendizagem, do ensino e da avaliação e e) compreensão das relações entre a avaliação formativa e avaliação sumativa e as respetivas implicações práticas.

No caso específico de Portugal, o chamado processo de Bolonha exige que as instituições de ensino superior questionem as práticas de ensino e de avaliação e, significativamente, reconstruam os papéis e as acções dos alunos e professores para uma efetiva melhoria das aprendizagens. Neste sentido, o objetivo central da investigação foi descrever, analisar e interpretar práticas de ensino e de avaliação desenvolvidas em diferentes cursos de universidades portuguesas (quatro) e brasileiras (três), onde a ideia primordial é compreender as relações entre tais práticas, a melhoria das aprendizagens dos alunos e o seu sucesso académico em cursos de Ciências Sociais, Artes e Humanidades, Engenharia e Tecnologias e Ciências da Saúde.

Metodologia

O estudo das práticas de ensino e de avaliação dos professores e da participação dos alunos nos processos conducentes às suas aprendizagens, assumem uma relevância particular no contexto deste estudo. Por isso, tornou-se

relevante que uma parte significativa dos dados da investigação fossem obtidos no contexto real de salas de aula e através da interacção e da proximidade com alunos e professores. Além disso, também se considerou importante recolher informação junto de um número mais alargado de docentes e alunos. A recolha de dados atendeu a diferentes cursos/disciplinas de quatro áreas de conhecimento: Ciências Sociais, Artes e Humanidades, Engenharia e Tecnologias e Ciências da Saúde. Nestas condições, os dados obtidos, de natureza quantitativa e qualitativa, permitirão descrever, analisar e interpretar os fenómenos de interesse que estão associados ao problema. A metodologia integra duas fases distintas mas fortemente interdependentes: 1. Fase do Estudo Extensivo (quantitativa); 2. Fase do Estudo Intensivo (qualitativa). A fase do Estudo Extensivo consistiu na aplicação de um questionário *on-line* a todos os professores e a todos os alunos a frequentar o 3º ano das instituições participantes e cujos resultados encontram-se em fase de análise. A fase do Estudo Intensivo centrou-se na observação de aulas (guiões de observação) e em entrevistas semiestruturadas (guiões de entrevista) aos respectivos docentes e alunos (através da técnica *focal groups*) em cada uma das sete universidades envolvidas, no âmbito de unidades curriculares de cursos representantes de cada uma das quatro áreas científicas referidas. Foram observadas cerca de 20 horas de tempo lectivo em cada unidade curricular semestral de cada curso (foi observada uma disciplina/curso diferente por semestre em cada universidade o que conduz a 160 horas de aulas observadas, levando a um total de 1120 horas de observações para o conjunto das 7 universidades). Esta fase permitirá descrever, detalhadamente, as acções e interacções que corporizam as actividades de ensino, aprendizagem e avaliação no ensino superior. Além disso, constitui uma oportunidade única para se procurar compreender uma variedade de relações entre os objectos já referidos.

Neste texto, uma vez que a recolha e a análise de dados ainda está em curso, apenas se relata as acções e interacções que corporizam as actividades de ensino, aprendizagem e avaliação numa universidade portuguesa e em dois cursos da área científica das Ciências da Saúde com base na recolha de dados da fase do Estudo Intensiva. A análise de dados foi elaborada de acordo com o esquema abaixo, tendo em conta os três objetos centrais do estudo (ensino, avaliação e aprendizagem) e triangulando com os dados oriundos dos diversos instrumentos de recolha, originando sínteses interpretativas verticais e horizontais, as quais deram origem a uma síntese conclusiva.

	Observação Aulas(A)	Entrevista Profs(B)	Entrevista Alunos(C)	
Ensino(1)	Análise(A1)	Análise(B1)	Análise(C1)	Síntese horizontal(A)
Avaliação(2)	Análise(A2)	Análise(B2)	Análise(C2)	Síntese horizontal(B)
Aprendizagem(3)	Análise(A3)	Análise(B3)	Análise(C3)	Síntese horizontal(C)
	Síntese vertical(A)	Síntese vertical(B)	Síntese vertical(C)	Síntese Conclusiva

Síntese Conclusiva

Ensino

As observações permitiram constatar que as aulas obedeciam a uma estrutura que pareceu indiciar que os docentes planificavam os conteúdos programáticos que era necessário abordar, bem como as atividades práticas que permitiam a sua exploração, as quais, na sua maioria, obedeciam a um conjunto de etapas e necessitavam de recursos materiais específicos.

Os professores revelaram a preocupação de que as aulas práticas e as aulas teóricas se desenvolvessem de forma articulada, de modo a que o trabalho prático constituísse um consistente contributo para a compreensão de conceitos e aquisição de competências. “A docente faz a ligação aos conceitos e à teoria, trazendo à discussão o que aprenderam em outras aulas” (observação de aula). “É complementar. A parte teórica complementa muito a prática e a prática permite que percebamos melhor a teórica” (entrevista alunos). Verificou-se a utilização de diversos recursos no decorrer das aulas. Esta variedade de recursos utilizada estava inteiramente relacionada com a diversidade de atividades práticas realizadas nas salas de aula.

O que prevaleceu nas aulas foi o desenvolvimento de tarefas associadas à aplicação de técnicas e, conseqüentemente, os alunos estiveram envolvidos na realização de diversas atividades práticas em contexto de laboratório ou sala de aula. Isto significa que a aprendizagem se desenvolveu através de um conjunto de trabalhos práticos, estreitamente relacionados com os temas abordados nas aulas teóricas. Os procedimentos eram desenvolvidos, pelos alunos, geralmente em grupos de dois estudantes. Tendo em conta a natureza do ensino, o *feedback* era utilizado com regularidade, geralmente de forma oral, ao longo do acompanhamento do trabalho mas sem fins avaliativos.

Avaliação

Nas unidades curriculares com componente teórica e prática diferenciadas a avaliação integrava duas vertentes: a avaliação da componente teórica, através de um teste escrito e de um trabalho, “em termos teóricos na unidade curricular, é uma avaliação mais clássica aquela que eu faço” (entrevista professor); e a avaliação da componente prática, através da observação do desempenho dos alunos no desenvolvimento das diferentes técnicas exploradas, num momento avaliativo específico. Quando as componentes eram integradas, a avaliação contemplava duas possibilidades: dois testes de escolha múltipla (avaliação contínua) ou um exame (avaliação por exame). Em ambos os casos era exigida nota mínima. Foi evidente o uso da avaliação apenas com o propósito de classificar e não de melhorar a aprendizagem, mas este uso estava bastante dependente do regulamento da universidade sobre este aspeto.

Ainda que se tenha observado o fornecimento de *feedback* regulador, o qual permitia a melhoria das aprendizagens, podemos concluir que a avaliação constituía um processo isolado, associado a momentos específicos de avaliação sumativa, com função classificatória, uma vez que os dados avaliativos no decorrer das aulas não tinham reflexo na classificação final dos alunos. Não se verificou qualquer abordagem deliberada no sentido de articular avaliação com os processos de ensino e de aprendizagem.

Aprendizagem

Os alunos participavam ativamente nas aulas, sendo esta participação bem visível aquando da exploração das diferentes tarefas propostas, nas quais os alunos eram os únicos intervenientes ativos no seu desenvolvimento. As aulas decorriam num contexto em que os alunos construía a sua própria aprendizagem, ainda que sob a orientação dos professores. A abordagem dos docentes e a estrutura da aula previam, deliberadamente, modos de participação por parte dos alunos e os professores mostravam-se sempre disponíveis para responder a questões ou dúvidas e acompanhavam o trabalho autónomo dos alunos. Segundo os estudantes, a disponibilização de diferentes recursos facilitava o desenvolvimento das suas aprendizagens e constituía uma preocupação dos professores.

A preparação dos alunos prendia-se, essencialmente, com a compreensão dos conceitos, baseada nos apontamentos que registavam no decorrer das aulas, sendo que o tipo de questões apresentadas nas provas de avaliação condicionava os métodos de estudo.

A interação entre os alunos e entre estes e os docentes, o facto de os professores considerarem as intervenções dos alunos, assim como a diversidade de dinâmicas desenvolvidas em sala de aula, apresentaram-se, segundo os diferentes intervenientes, como aspetos que propiciavam o desenvolvimento de aprendizagens.

Referências bibliográficas

Black, P. & Wiliam, D. (1998). Assessment and classroom learning. *Assessment in Education. Principles, Policy & Practice*, 5(1), 7-74.

Fernandes, D. (2008). *Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas*. São Paulo: Editora UNESP.

Figari, G. & Achouch, M. (2001). *L'activité évaluative réinterrogée: Regards scolaires et socioprofessionnels*. Bruxelles: De Boeck.

Stiggins, R. (2004). New assessment beliefs for a new school mission. *Phi Delta Kappan*, 86(1), 22-27.